

JACARÉ NO PARANOÁ – Espécies que povoam a bacia do Distrito Federal medem no máximo dois metros, evitam pontos mais movimentados e não ameaçam os humanos

ECOLOGIA

UnB mapeia jacarés no Lago Paranoá

Répteis foram apontados 44 vezes na área do DF e estudo inclui medidas de conservação

DA UNB AGÊNCIA

Os freqüentes relatos de jacarés circulando pelo Lago Paranoá motivaram o pesquisador Victor Veras Batista, que faz o mestrado em Ciências Florestais pela Universidade de Brasília, a desenvolver um estudo inédito sobre a presença dos répteis na região. A pesquisa resultou em um mapeamento dos locais preferidos pelos animais.

Até o momento, Batista registrou 44 vezes a presença de jacarés no cartão postal de Brasília. Por mais que o número cause espanto, os répteis são naturais da região, e relativamente comuns no lago. O ponto de deságüe do Riacho Fundo, que abastece o lago pelo lado sul, registrou a maior ocorrência dos animais. Foram 28.

Todos da mesma espécie

Todos os animais identificados no estudo são da espécie *Caiman crocodilus*, chamados popularmente de jacaré-tinga.

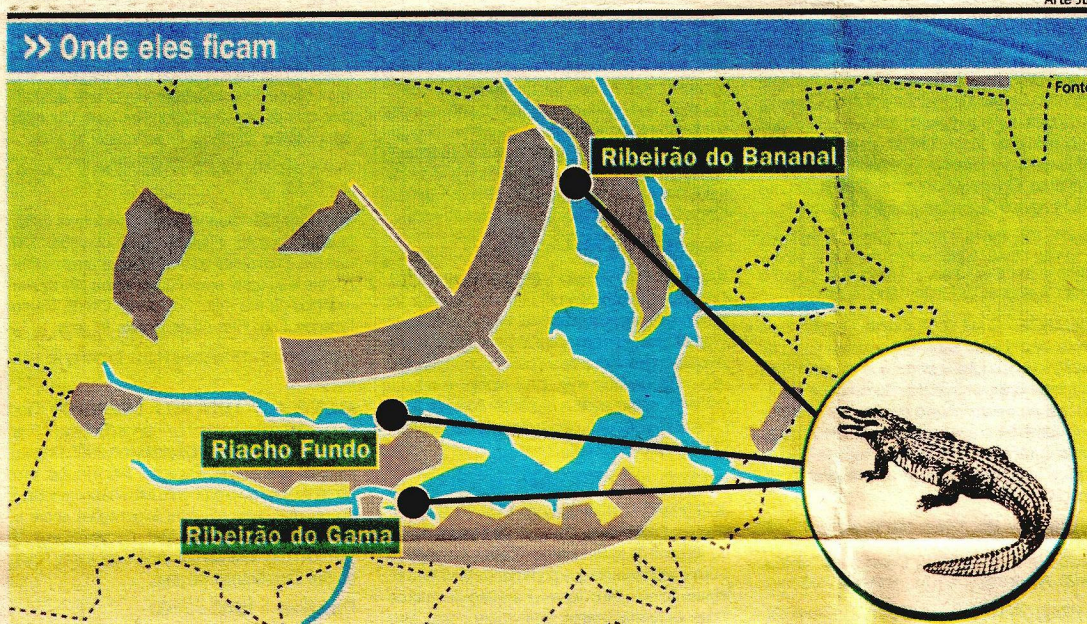
— O Distrito Federal está na área de ocorrência da espécie, encontrada também em regiões da Amazônia e na Savana Venezuelana — diz o pesquisador.

Os jacarés evitam locais muito movimentados, como borda de clubes ou de casas, tanto que os animais vistos ficavam nos locais em que os riachos chegam ao Lago Paranoá, onde a circulação humana é menor.

Os 28 registros de animais no deságüe do Riacho Fundo se concentravam em sua maioria na região da Estação de Tratamento Sul, onde viviam os quatro únicos filhotes identificados, com 40 cm de comprimento em média. Já o maior jacaré registrado tinha aproximadamente dois metros.

Apesar de ser o braço mais poluído do reservatório, o engenheiro ambiental diz que o local concentra características apreciadas por esses bichos.

— Além de ter pouca freqüência



BATISTA – Presença dos jacarés só pode ajudar o ecossistema

de pessoas e menos luz, conta com maior oferta de alimento e abrigo para os animais — constata.

A Estação de Tratamento Sul é um ponto do lago impróprio para banho.

Os demais jacarés apareceram no Ribeirão do Gama, que também chega ao lago pela região sul, com 12 registros, e no Ribeirão Bananal, que está na porção norte, mas re-

gistrou apenas quatro indivíduos. Somente no Ribeirão do Torto, também a norte, não foi encontrado nenhum espécime.

Busca exige paciência e cautela

Encontrar os jacarés exige paciência e cautela. Batista vem fazendo rondas no lago desde julho de 2007, sempre à noite, de duas a três vezes por semana.

“ À noite, a luz do holofote faz os olhos deles brilharem e facilita a localização; durante o dia, é difícil encontrá-los, porque a cor da carapaça ajuda na camuflagem

Victor Veras Batista
pesquisador da UnB

— A luz do holofote faz os olhos deles brilharem e facilita a localização — diz.

Durante a manhã, é bem difícil encontrá-los, porque a cor da carapaça dos jacarés ajuda na camuflagem.

Os trabalhos são realizados a pé, nas margens, ou em um caiaque. Silenciosa, a embarcação permite se aproximar mais facilmente dos ani-

mais. O receio da presença humana é uma das características notadas pelo pesquisador. Em um trabalho na Amazônia, Batista conta que mesmo com barco a motor os estudiosos conseguiam chegar perto dos animais, e até pegar os filhotes com a mão.

Já no lago, é grande a dificuldade em capturar os animais, provavelmente reflexo de experiências negativas vivenciadas pelos animais no contato com pessoas. Só um jacaré foi pego. Na ocasião, Batista mediu o animal, de 1,3 m, e fez uma lavagem estomacal para descobrir qual era a dieta do réptil. No estômago da fêmea adulta foram encontradas principalmente espinhas de peixe.

O pesquisador afirma que as informações do estudo, previsto para terminar em julho de 2009, ajudarão a conhecer o comportamento da espécie na região, contribuindo para a sua conservação.

— As informações darão suporte a medidas para manter a integridade da população e, conseqüentemente, dos ecossistemas — conta.

Ajuda para o Lago

Como jacarés se alimentam de animais, revelam importantes indicadores biológicos. Sua conservação favorece positivamente a saúde do Lago Paranoá.

A geração de informações pela pesquisa feita na UnB ajudará a entender melhor o animal, que carrega o estigma de atacar seres humanos. Segundo os pesquisadores, é importante mostrar que a presença de jacarés não deve ser vista como uma ameaça, mas sim como símbolo da qualidade de ambientes naturais, cada vez mais escassos.

Em regra, os jacarés não costumam atacar seres humanos, muito pelo contrário. Preferem locais com menos pessoas, onde se sentem mais seguros. A agressão pode ocorrer quando o animal sentir algum risco à sua integridade ou à de seus filhotes.